

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

INTRODUÇÃO

Primeiro livro de Isaías (1-39)

CRUZ Ueslei

DIAS Ewerton Machado

JOSEPH Guilbaud

KIOKO Albanus

PIMENTEL SANTOS Natan Augusto

SANTOS Jean Gilson dos

SALÚ Marciano Abam Na

LITERATURA PROFÉTICA

Prof. Dr. Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2025

INTRODUÇÃO

O profeta Isaías

Isaías é um dos maiores e mais influentes profetas do Antigo Testamento. Seu nome é profundamente simbólico, e significa "Javé é salvação". Seu nome aponta para sua missão profética: anunciar ao povo de Israel que a salvação vem unicamente de Javé. Isaías nasceu provavelmente no ano 760 a.C., no reino do Sul, Judá, durante o reinado de Ozias (781–740 a.C.).

Era filho de Amós (não deve ser confundido com o profeta Amós de Técuá) e pertenceu a uma família de destaque em Jerusalém. Recebeu uma formação intelectual e religiosa muito sólida, típica da elite da cidade santa. Isso o preparou para desempenhar um papel muito significativo tanto no ambiente religioso quanto no cenário político do reino, pois, tinha acesso direto ao Templo (Is 6,1-13). Estar em Jerusalém e ter acesso à corte do rei moldou profundamente sua linguagem profética e sua preocupação com a justiça social. Também seus oráculos eram baseados na teologia davídica; Javé, Deus absoluto e transcendente; a escolha divina de Jerusalém-Sião, a eleição divina da dinastia davídica, o rei como filho de Deus e defensor dos pobres.

Isaías exerceu sua missão principalmente em Jerusalém, atuando como profeta do Templo. Aparece em momentos decisivos da história do povo relatada em 2 Reis 19,1-7. Com essa convicção, Isaías enfrentou grupos dominantes: anciãos, juízes, latifundiários e a elite de Jerusalém (5,8-24). Defendeu com todo vigor os oprimidos, os órfãos e as viúvas (10,1-4), condenou a aliança das grandes potências (Assíria e Egito), que disputavam a hegemonia da Síria-Palestina. Denunciava injustiças, a hipocrisia no culto e a falta de confiança no Senhor, mas também anunciava a esperança de um futuro de paz e restauração.

A data exata de sua morte, porém, é incerta. No entanto, segundo a tradição, ele teria vivido até depois da morte do rei Ezequias, por volta de 687 a.C.

O Contexto Histórico do Primeiro Isaías (Is 1–39)

O Primeiro Isaías, também chamado de “Proto-Isaías”, abrange os capítulos 1 a 39 do livro que leva o nome deste profeta, e está profundamente enraizado no contexto histórico e político de Judá no século VIII a.C. Segundo a introdução da Bíblia Nova Pastoral, Isaías atuou em Jerusalém durante um período crítico da história do povo de Deus, marcado por

ameaças externas, crises internas e decisões políticas que afetaram diretamente a sobrevivência do Reino do Sul.

Isaías iniciou sua missão profética por volta de 740 a.C., no final do reinado de Ozias (também chamado Azarias), e continuou sua atuação durante os reinados de Jotão, Acaz e Ezequias. Estes quatro reis governaram em momentos de grande instabilidade (cf. Is 1,1). O mais marcante foi o surgimento do Império Assírio como potência dominante, especialmente sob o reinado de Teglath-Falasar III, que iniciou campanhas militares de expansão sobre os pequenos reinos do Oriente Médio, inclusive Israel (Reino do Norte) e Judá (Reino do Sul).

Durante o reinado de Acaz (735–715 a.C.), o Reino de Judá enfrentou um dilema político-religioso: diante da pressão da coalizão entre Israel e a Síria para se opor ao avanço assírio, Acaz opta por uma aliança com o próprio império opressor — uma decisão que Isaías denuncia com veemência, advertindo que confiar em potências estrangeiras em vez de confiar em Deus leva à ruína (cf. Is 5, 25-30). Essa crítica está no cerne da pregação de Isaías: a fé autêntica se traduz na justiça, na confiança em Javé e na defesa dos pobres (cf. Is 7, 10-17).

Com a ascensão de Ezequias (715–687 a.C.), o cenário muda. Este rei realiza reformas religiosas e busca a independência da Assíria, o que leva à invasão de Senaqueribe em 701 a.C. (cf. Is 2Rs 18, 1-16) A resistência de Jerusalém, possivelmente milagrosa, é interpretada por Isaías como sinal da fidelidade de Deus, mas também como um chamado à conversão e à prática da justiça.

A Bíblia Nova Pastoral destaca que, para Isaías, a crise não era apenas política, mas sobretudo teológica e moral. O profeta denuncia a corrupção dos líderes, o formalismo religioso, a opressão dos pobres e a perda da verdadeira aliança com Javé. Sua mensagem é perpassada pela esperança messiânica e pela visão de um futuro de paz e justiça, simbolizado pela figura de um novo rei que governará com sabedoria e temor de Deus (cf. Is 9 e 11).

Assim, o Primeiro Isaías deve ser lido à luz de seu tempo: um período de conflito geopolítico, de decadência moral, mas também de intensa atividade profética, onde a voz de Isaías se levanta como um chamado à fidelidade, à justiça e à confiança inabalável no Senhor da história.

Justiça Social em Isaías: Uma Profecia em Defesa da Vida

O livro do profeta Isaías é um dos mais ricos e complexos do Antigo Testamento, tanto por sua abrangência histórica quanto por sua profundidade teológica e social. Dentro desse universo profético, a temática da justiça social ocupa um lugar central e urgente. Isaías é uma voz que clama por transformação, por fidelidade verdadeira ao Deus da aliança, que é também o Deus dos pobres, dos humilhados e dos esquecidos da sociedade. Isaías surge em um contexto de grandes tensões sociais, políticas e religiosas. O Reino de Judá enfrentava, por um lado, ameaças externas – como o expansionismo assírio – e, por outro, sofria com as injustiças internas provocadas por uma elite dominante que acumulava riquezas às custas da miséria dos camponeses e pequenos proprietários. A estrutura social estava corrompida, e a religião oficial havia se tornado cúmplice desse sistema opressor. É nesse cenário que Isaías levanta sua voz profética, denunciando com vigor as desigualdades e clamando por justiça.

Para Isaías, Deus é o Senhor soberano da história, mas também é um Deus profundamente comprometido com o bem-estar do seu povo. Ele não aceita cultos vazios nem rituais que não se traduzem em vida justa e fraterna. O profeta critica duramente a hipocrisia religiosa daqueles que frequentavam o templo, ofereciam sacrifícios, mas ignoravam os necessitados e exploravam os fracos. Em Isaías 1,11-17, encontramos uma das mais impactantes denúncias: “De que me servem os vossos inúmeros sacrifícios? — diz o Senhor. [...] Aprendei a fazer o bem! Procurai a justiça, ajudai o oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva”. Esse trecho revela a essência da espiritualidade profética: religião e ética caminham juntas. A fé autêntica, segundo Isaías, é aquela que se expressa em atitudes concretas de solidariedade, misericórdia e promoção da justiça. Não basta frequentar o templo ou recitar preces; é preciso transformar a realidade, defender a dignidade humana e lutar contra todo tipo de opressão. O culto a Deus só é verdadeiro quando se traduz em compromisso com os últimos da sociedade. A justiça, para Isaías, não é apenas um ideal abstrato, mas uma exigência concreta de fidelidade à aliança com Deus. O profeta compreende que ser fiel a Javé significa, antes de tudo, cuidar do órfão, da viúva, do estrangeiro – aqueles que, na sociedade israelita, representavam os mais vulneráveis. A religião sem justiça social é uma contradição. Amar a Deus exige amar o próximo, especialmente o pobre e o marginalizado. Isaías insiste: a opressão dos fracos é também uma ofensa a Deus.

Outro aspecto marcante da profecia de Isaías é a esperança messiânica. O profeta anuncia a vinda de um rei justo, que governará com retidão e será um verdadeiro pastor do

povo. Em Isaías 11,1-9, ele descreve esse líder ideal como alguém cheio do espírito de sabedoria, entendimento, conselho e fortaleza. Esse rei não julgará pelas aparências, mas defenderá os pobres com justiça e decidirá com equidade a favor dos oprimidos da terra. A imagem é a de uma nova ordem social, onde o lobo habitará com o cordeiro, e a terra será cheia do conhecimento do Senhor (cf. Is 8,23b - 9,6). Essa utopia profética não é alienação, mas impulso para a transformação. Isaías não se limita a criticar o presente; ele aponta para um futuro possível, onde o reinado de Deus se manifesta como paz, justiça e fraternidade. Sua visão alimenta a esperança e inspira a ação. Ele convida o povo a abandonar os caminhos da violência, da ganância e da indiferença, e a construir uma sociedade fundada no direito e na solidariedade.

A atualidade da mensagem de Isaías é evidente. Em um mundo marcado por profundas desigualdades, crises econômicas, exclusão social e degradação ambiental, sua profecia continua a ecoar como um chamado à conversão social e espiritual. A justiça social não é um acessório da fé, mas seu núcleo vital. Isaías nos ensina que não há verdadeira adoração a Deus sem compromisso com os empobrecidos e sem esforço por um mundo mais justo e humano.

O processo redacional do Primeiro Isaías (Is 1–39): releitura profética e estrutura literária

O livro de Isaías é uma obra grandiosa, tanto em extensão quanto em densidade teológica e literária. Mas antes de ser um bloco coeso, trata-se de uma construção complexa, feita em camadas, como um pergaminho continuamente reescrito por gerações que, ao relerem o passado, buscaram novas palavras para o presente. Segundo os estudiosos Shigeyuki Nakanose e Enilda de Paula Pedro, o que conhecemos como “Primeiro Isaías” (capítulos 1–39) é, na verdade, uma coletânea de tradições diversas, compostas em sua maioria em forma poética e com múltiplos gêneros literários: oráculos (17,1–6), poemas (5,1–7), relatos biográficos (6,1–13), parábolas (28,24–29), sátiras (3,16–24), narrações históricas (36–39), e até textos de estilo apocalíptico (24–27; 34–35)¹.

Trata-se, portanto, de um conjunto que nasceu da pregação do profeta Isaías entre os anos 740 e 701 a.C., mas que foi retomado, relido e ampliado ao longo de séculos,

¹ NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. Como ler o Primeiro Isaías (Is 1–39): Confiar em Javé, o Santo de Israel. São Paulo: Paulus, 1999.

especialmente no período exílico e pós-exílico. Essa tradição profética, por sua força e pertinência, continuou sendo usada nas comunidades muito tempo depois da morte do profeta. E é exatamente por isso que o texto foi continuamente reinterpretado e atualizado, segundo as necessidades espirituais, sociais e políticas de cada tempo.

Ao longo de sua história, o Primeiro Isaías passou por diversas releituras hermenêuticas. Os acréscimos e interpolações feitos por redatores posteriores — especialmente os ligados aos círculos do Segundo e Terceiro Isaías — revelam um esforço teológico de manter viva e relevante a mensagem original. Assim, não é possível ler esses capítulos como uma fotografia do século VIII a.C., mas como um testemunho redacional dinâmico, onde o passado é constantemente reorganizado à luz do presente.

A estrutura do Primeiro Isaías reflete essa pluralidade de contextos e gêneros. Podemos organizá-lo da seguinte forma:

a. Oráculos ao povo de Deus (capítulos 1–12):

Esse bloco inicial funciona como uma grande introdução teológica e literária. Ele alterna denúncias, promessas e visões de restauração. O capítulo 1 já é um texto programático, uma espécie de “porta de entrada” para todo o livro, trazendo temas centrais como justiça, aliança, julgamento e esperança. Aqui encontramos também o chamado de Isaías (cap. 6), num relato biográfico de forte carga simbólica, e o chamado “livro do Emanuel” (caps. 7–12), com promessas messiânicas que serão retomadas e ressignificadas ao longo de todo o livro.

b. Oráculos às nações estrangeiras (capítulos 13–23):

Esse conjunto mostra que o Deus de Israel também intervém na história dos outros povos. São discursos contra Babilônia, Moabe, Damasco, Egito, entre outros. A função teológica desses textos é clara: mostrar que nenhuma potência é eterna e que o juízo de Deus é universal. Embora se trate de textos que, em sua maioria, não são do Isaías histórico, sua inserção aqui cumpre um papel importante no conjunto: ampliar o horizonte do julgamento divino e reforçar a soberania de Javé.

c. O “grande apocalipse” (capítulos 24–27):

Esse bloco já revela forte influência apocalíptica. Com linguagem simbólica e escatológica, ele anuncia o julgamento final e a restauração de Sião. É um texto denso, que rompe com a temporalidade imediata do profeta e introduz uma leitura mais universal da

salvação. Sua presença dentro do Primeiro Isaías mostra como o texto original foi reapropriado à luz de novas expectativas messiânicas e escatológicas.

d. Oráculos ao povo de Deus (capítulos 28–33):

Esse trecho retoma o tom profético mais clássico, com críticas contundentes aos líderes corruptos, à aliança com o Egito, e à confiança excessiva nas potências estrangeiras. Alternando julgamento e promessa, esses capítulos fazem releituras profundas da tradição isaiana, com acréscimos e reorganizações que respondem à situação do povo no período pós-exílico.

e. O “pequeno apocalipse” (capítulos 34–35):

Assim como 24–27, essa dupla de capítulos tem estilo apocalíptico, redação pós-exílica, com fortes imagens de destruição e redenção. São textos de esperança radical, que apontam para um futuro em que a justiça triunfará. Sua inserção aqui cumpre a função de concluir o ciclo anterior com uma visão de salvação para os justos e punição para os ímpios — retomando a tensão entre julgamento e libertação.

f. Apêndice histórico (capítulos 36–39):

Esses capítulos, em prosa, relatam episódios da vida do rei Ezequias e do profeta Isaías, retomando temas centrais como a fidelidade a Deus frente à ameaça estrangeira. Longe de ser um simples anexo, esse bloco serve como ponte literária e teológica entre o Primeiro e o Segundo Isaías, pois termina com o anúncio da deportação para a Babilônia (cap. 39) e prepara o terreno para o consolo anunciado em 40,1.

Essa divisão revela que o Primeiro Isaías é muito mais do que um “livro do profeta”. Ele é uma construção teológica que nasce da pregação, mas se desenvolve através da releitura constante. Por isso, falar de um processo redacional em Isaías 1–39 é reconhecer que a palavra profética, para permanecer viva, precisa ser relida, reescrita, reinterpretada.

Não basta conservar o texto antigo: é preciso dar-lhe novo sentido. Foi isso que fizeram os discípulos e redatores posteriores — com liberdade criativa, mas também com fidelidade àquilo que o profeta representava: a voz de Deus no tempo presente.

Por isso, ler Isaías 1–39 exige atenção ao seu horizonte redacional. A crítica literária e histórica ajuda a recuperar a voz do profeta original, mas é igualmente importante compreender a intenção teológica dos redatores posteriores, que transformaram o Primeiro

Isaías num verdadeiro projeto hermenêutico comunitário — aberto, dinâmico e sempre pronto a ser relido, mantendo a palavra profética disponível ao futuro, de maneira inquieta, na constante busca da justiça de Deus na história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTOLINI, José. *Profetas: Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Lamentações, Amós, Baruc, Oseias, Joel, Sofonias, Miqueias...* (v. 3). Editora Santuário, Aparecida 2018.

CROATTO, J. Severino. *Isaías: a palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. I: 1–39: O profeta da justiça e da fidelidade.* Vozes, Petrópolis 1998.

NAKANOSE, S-PEDRO, E. P. *Como ler o Primeiro Isaías (Is 1–39): Confiar em Javé, o Santo de Israel.* Paulus, São Paulo 1999.

Nova Bíblia Pastoral, edd. P. Bazaglia-A.C Frizzo-D. Scardelai et al. Paulinas, São Paulo 2014.

SCHOKEL, L. A.-SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I: Isaías, Jeremias.* Paulinas, São Paulo 1988.